



A VOZ ROUCA

que não se cala

SP, #23

@avozrouca
março/24

Êxodo para a rede municipal: haverá terra prometida?

Com a divulgação do resultado dos concursos da Prefeitura e do Estado em São Paulo, temos visto inúmeros relatos de colegas que estão deixando a rede privada – inclusive instituições de suposto "maior prestígio". Contrariando a imagem que as escolas particulares vendem de si próprias, essa migração escancara a degradação das condições de trabalho e remuneração que vivemos nos últimos anos.

A onda de compras, fusões, reestruturações e revendas de colégios por grandes grupos empresariais tem evidenciado algo que muitas vezes era escondido pelo clima familiar de algumas escolas: o quanto o professor é substituível. A entrada de novos gestores vem acompanhada de discursos motivacionais, palestras e coachings, adoção de novas tecnologias e métricas de avaliação do desempenho que geram sobrecarga de trabalho e, é claro, demissões.

A pandemia também evidenciou o quanto somos dispensáveis: fomos demitidos aos montes por conta da redução de alunos, além da obrigação de voltar ao presencial sem condições sanitárias adequadas. As situações de estresse e sofrimento psíquico se ampliaram. Apesar das novas demandas pela digitalização de conteúdos, quase nenhum colégio paga a "hora tecnológica" incluída na Convenção Coletiva.

Todo esse contexto levou colegas a repensarem o sentido do seu trabalho e como lidar com ele. Não foram poucos os que mudaram de profissão ou cidade, entre outras saídas individuais. Nesse sentido, a abertura do concurso do município de São Paulo abriu uma alternativa para quem queria continuar em sala de aula, escapando da insegurança do setor privado.

Relatos de colegas migrando de rede

"Para polivalentes, as escolas de bairro pagam muito pouco, é impossível pagar as contas trabalhando nelas. Já na Prefeitura a progressão de carreira permite que eu planeje um futuro com menos trabalho. Eu quero trabalhar menos, e não ter três trabalhos como hoje em dia. Claro que nada está 'garantido', mas, até então, existe uma previsibilidade."

"Eu trabalho 44h semanais na rede particular; na prefeitura, vou trabalhar 30. Vou ganhar um pouco menos do que ganho, mas é muito mais vantajoso trabalhar um 14h a menos."

"Tem a questão da estabilidade. Na parte pedagógica eu me garanto, mas as escolas estão sendo compradas, e com essas grandes empresas não há garantia. Fiquei horrorizada ao saber que na escola em que trabalhava foram mais de 10 demitidos no ano. Se o gestor não gosta mais de mim, eu me torno dispensável. Na rede particular manter meus posicionamentos éticos e políticos fica cada vez mais inseguro."

Mas, após o êxodo, haverá terra prometida? Como estão as condições de trabalho na rede pública?



Quem está ingressando na rede pública encontrará também desafios diversos: falta de materiais, superlotação de salas de aulas, gestões autoritárias ou ausentes etc. Além disso, nos últimos anos, o avanço do grande capital na educação tem se feito sentir também no ensino público, como nas iniciativas empresariais voltadas para a formação e avaliação de professores. Seja seu patrão o Estado ou o capital privado, os trabalhadores da precisão continuar lutando por suas condições de trabalho. E, neste exato momento, os colegas da rede municipal estão em greve!



roda de conversa:

o histórico de lutas na Prefeitura

A Voz Rouca convida companheiros que estão há mais tempo na Prefeitura e outras redes para conversar sobre o histórico de lutas e organização da categoria, contar sobre a greve que está ocorrendo, e trocar impressões sobre as diferenças e relações entre a organização nos dois setores.

Quando? sábado, 23/03 às 14h / **Onde?** Casa da Solidariedade (r. Gravi, 60)

O que está em jogo na greve atual da rede municipal de São Paulo?

Junto a outras categorias de servidores municipais, os profissionais da educação estão em greve desde 08/03 por valorização salarial, melhores condições de trabalho e preservação do plano de carreira da categoria.

Ricardo Nunes oferece 2,16% de aumento, um índice que apenas simboliza sua política de desvalorização da carreira docente, uma vez que a inflação acumulada de 2023 foi de 4,62%. Ele não abriu nenhum canal de negociação e já mandou o projeto de lei para votação na câmara. Além disso, continua a política de congelamento dos salários dos professores que estão no início de carreira. Ele propõe 3,62% sobre os valores dos pisos remuneratórios dos docentes, gestores e Quadro de Apoio, mas não explica que esse índice sobre os pisos vem na forma de abono salarial.

Sobre isso, é importante explicar. Abono salarial para o piso é apenas uma forma da prefeitura cumprir a lei para os profissionais do magistério público. Mas sem a incorporação dos índices acumulados na forma de abono salarial – outra reivindicação dos sindicatos nessa greve – a prefeitura mantém

a remuneração dos professores em início de carreira congelada por vários anos. Qualquer aumento real para a categoria significa para essa parcela da categoria apenas aumento do salário base e diminuição de abono, ou seja, uma jogada contábil da prefeitura para manter os salários congelados no piso por muitos anos.

Junto a isso, ano após ano, o prefeito ameaça acabar com o plano de carreira da categoria. Ele quer acabar com um plano de carreira que estimula os professores a permanecerem no cargo e valoriza uma formação continuada por meio da evolução funcional por tempo e títulos. Em troca, ele oferece uma remuneração por subsídio (valores não incorporados na consolidação de direitos) que acaba com as evoluções e com os quinquênios.

Essa greve é a defesa de uma carreira construída com muito trabalho e luta por educadores que nos antecederam!

mas, afinal, o que é A VOZ ROUCA?

A Voz Rouca é uma iniciativa autônoma de trabalhadores da educação contra a degradação das condições de trabalho. Num cenário de compra de escolas particulares por grandes conglomerados e privatização gradual do ensino público, nos reunimos para resistir à precarização dos contratos, à imposição de tecnologias e métricas empresariais, ao aumento da vigilância sobre a sala de aula e ao sofrimento e adoecimento.



@avozrouca
vozrouca@riseup.net
<https://avozrouca.org>

Distribuído em salas de professores de escolas das redes públicas e do setor privado, este boletim reúne denúncias e relatos de luta e organização coletiva no dia a dia, incentivando a auto-organização para além dos sindicatos. Envie relatos de sua escola ou entre em contato para participar das reuniões!